



Pesquisador da Embrapa Meio Norte

O sistema de produção mais comum entre os agricultores familiares do Estado do Maranhão é o da agricultura itinerante, com o cultivo de quatro a oito produtos associados, chamado popularmente de “consórcio saladão”, composto por arroz, milho, feijão, mandioca, quiabo, maxixe, abóbora e melancia.

A agricultura itinerante, ou seja, aquela que abre permanentemente novas áreas para culturas anuais, é realizada exclusivamente com ferramentas manuais. Por este motivo apresenta dois períodos de uso intensivo da mão de obra, durante as capinas e na colheita. Dessa forma, a expansão da lavoura encontra-se limitada pela falta de braços na família e pela dependência de recursos financeiros para a contratação de trabalhadores temporários. É justamente por isso que a média cultivada por família gira em torno de dois hectares por ano.

A utilização de ferramentas manuais, que em alguns casos, nem sequer são as mais apropriadas, transformam os processos de abertura e de lavoura em algo muito lento e penoso.

A adoção da tecnologia mecânica diminui radicalmente a utilização de mão de obra, eliminando totalmente o problema dos picos de trabalho (capina e colheita) no interior dos sistemas, contudo, não sendo usada com a devida assistência técnica oficial, hoje bastante limitada no Estado, pode enfrentar problemas tanto no que se refere à viabilidade econômica quanto à ecológica.

A forma de campos limpos ou mecanizados, se por um lado é importante por acabar com as queimadas, por outro, se não for bem programada, gera mais um problema ecológico, por deixar os solos expostos ao sol e às chuvas, e não permitindo a reciclagem de nutrientes vegetais.

O sistema de mecanização à tração animal pode ser uma solução intermediária, pois além de resolver problemas de falta de mão de obra nos momentos de pico, ajuda também na questão ecológica, tanto na capina, que não depende de herbicidas, quanto na recomposição da fertilidade dos solos, por meio do uso do esterco gerado pelos animais de tração. Um modelo intermediário, com uso de tração animal, com certeza vai aumentar a produção pelo incremento de área por unidade familiar. Agora vejamos outro aspecto, o aumento da produção causado pela adoção de tecnologias, ou seja o aumento da produtividade média sem aumentar a área de trabalho.

No Maranhão, a mandioca é a principal cultura explorada pelos agricultores familiares e a produtividade média do Estado, segundo o IBGE é de 7,3 toneladas por hectare, a mais baixa do país. Então, com o objetivo de aumentar a produtividade pela adoção de inovações tecnológicas foi criado o Comitê Estadual da Mandioca, que por sua vez, selecionou algumas comunidades nos municípios de Morros, Itapecuru Mirim, Chapadinha, Viana, Pinheiro e Zé Doca, onde a produtividade média é de apenas 5,0 toneladas pro hectare.

Nessas comunidades, os agricultores foram orientados a usarem tração mecânica, um pouco de adubo, espaçamento correto para adequar a densidade populacional de plantas e manivas selecionadas e tratadas. Isso não representa muito avanço em termos de inovações tecnológicas, é apenas o básico para qualquer início de trabalho. Feito isto, mandioca plantada em fevereiro de 2004 e com colheita prevista para junho 2005, pelo desempenho da cultura, provavelmente a produtividade média dessas áreas estarão no intervalo de 15 a 20 toneladas por hectare, um salto significativo na produção.

Esse modelo, com o sucesso obtido, deve ser copiado por muitos agricultores familiares, pelo efeito multiplicativo, o que implicará no aumento gradativo da produtividade e da produção de cada região onde o projeto se desenvolve. Aí vem a tradicional pergunta, o agricultor familiar vai aumentar a sua renda? Em resposta dizemos: depende.

Na atual estrutura existente na zona rural, vai aumentar consideravelmente a quantidade de raízes ofertadas e o preço vai despencar. Para que o produtor possa verdadeiramente aumentar a sua renda é preciso que o Governo do Estado faça investimentos na construção de centros processadores das raízes de mandioca e capacite os agricultores familiares para produzirem não só uma farinha de boa qualidade, como também a utilizarem a fécula como um produto capaz de gerar muitos derivados, visando atingir um mercado consumidor cada vez mais exigente.

Para finalizar é bom ressaltar, aumentar simplesmente a produtividade e capacidade de produção do agricultor familiar, sem facilitar a venda dos excedentes é malhar em ferro frio. Por isso, na situação atual, aumentar a produção sem infraestrutura de transformação, vale o ditado popular: “SE CORRER O BICHO PEGA, SE FICAR O BICHO COME”.

Agronet

[Voltar](#)